



gação em terra nova da capital fosse, afinal, tributária dessa outra cidade que o imaginário do escritor recriou em palavras de paixão, como se fora um longo poema de amor. Não esqueço aquela página: "Logo a abrir, apareces-me pousada sobre o Tejo como uma cidade de navegar. Não me admiro: sempre que me sinto em alturas de abranger o mundo, num pico dum miradouro ou sentado numa nuvem, vejo-te em cidade-nave, barca com ruas e jardins por dentro, e até a brisa que corre me sabe a sal. Há ondas de mar aberto desenhadas nas tuas calçadas; há âncoras, há sereias (...)". Cidade de navegar, querem melhor? O *Livro de Bordo* ensina-nos a olhar esta realidade "com o rio em fundo num azul de entontecer". Cardoso Pires, a convalescer de um derrame cerebral, foi entrevistado para o "El País", precisamente a propósito da abertura da última exposição mundial deste século. O jornalista anota que o escritor não perdeu o seu excepcional sentido de humor e quando a conversa segue a rota da Expo, Cardoso Pires diz que ela "foi um motor que sacudiu o país e o obrigou a renovar uma cidade" reconhecendo que "foi uma demonstração, uma rara demonstração de eficácia técnica e do cumprimento de uma promessa, algo realmente raro em Portugal". Cardoso Pires: "A Expo, para além da exposição em si, tem o valor de ter recuperado uma zona da cidade, conhecida antigamente como o Tejo cigano, que estava apodrecida, abandonada e completamente condenada. Isso acabou e a exposição transformou Lisboa numa cidade mais aberta, mais livre e mais bela". Noutro passo: "Não tenho nostalgias da antiga Lisboa. Vivi meio século de miséria, de porcaria e de mentiras. Numa cidade fechada, onde os jardins eram projectados para que os guardas pudessem controlar todo o espaço. Onde as mulheres não podiam fumar, como em Espanha. Hoje, Lisboa é uma cidade aberta, moderna e cada dia mais livre e mais bela". Deviam atentar nisto os profetas da desgraça, mesmo aqueles que, com olhar dúplice, aplaudem lá fora o que aqui odeiam. Mas há outros olhares. Por exemplo, o de Vicente Verdú: "(...) A Expo 98 representa com orgulho a primeira realização de envergadura internacional que parece redimir o país de quase 200 anos de autopensar-se como inferior ou subestimar-se sem razão aparente para acometer, com sobrada dignidade, uma obra desta grandeza".

"Cidade de Navegar" (Cardoso Pires)

ENQUANTO olhava aquele pedaço de Lisboa à beira Tejo, recuperado da degradação urbana para a simples aventura de uma cidade à medida do homem, enquanto os meus passos percorriam a alegria de uma festa chamada Expo, com o seu prospectivo desenho de amanhã, dei comigo a pensar na *Lisboa Livro de Bordo*, de José Cardoso Pires, como se esta nave-